

“A mata é o céu dos espíritos” - Entrevista com o Pajé Barbosa

(Raimundo Barbosa da Silva)

Patrício Carneiro Araújo¹

Alexandre Hermes Oliveira Assunção²



Auto-retrato para um álbum de memórias vivas, renovando o olhar e as alianças, a cada instante.

“Nós que cuida das plantas, nós cuida do desconhecido. Das aves, dos animais e aquela coisa. Eu diria assim, sem se cansar. Porque ninguém percebe que mata é o céu dos espíritos. Porque lá é que tá os outros animais que pré-historicamente nem se fala mais. Mas estão lá na mata. Nessa mata que há milhões de anos foi abrigo de outros animais que não está mais na história, mas está no contexto da visão dos pesquisadores”

A entrevista que segue foi coletada por Patrício Carneiro Araújo e Alexandre Hermes Oliveira Assunção (Alex Hermes) no dia primeiro de novembro de 2021, na

¹ Professor de Antropologia na UNILAB. Pós-doutorando em Antropologia Social na UFRN. Coordenador do “Tierno Bokar: núcleo de pesquisas e estudos sobre o fenômeno religioso” (CNPq/UNILAB).

² Mestrando em Antropologia Social na UFRN. Bacharel em Antropologia pela UNILAB.

aldeia da Monguba, Pacatuba, Ceará, Brasil. Na ocasião, a intenção era entrevistar o Pajé Barbosa e uma das suas filhas para a produção de um capítulo do livro *Religiões afro-cearenses*, organizado pelo professor Leonardo Oliveira de Almeida, no qual os entrevistadores publicaram o capítulo intitulado “*O terreiro do pajé: afro-indígena no sentido do termo*”. Naquele capítulo serão encontrados trechos desta entrevista, ora publicada na íntegra. Na mesma época, também estava em processo a análise da proposta de reconhecimento do Pajé Barbosa como Mestre da Cultura Cearense, em cujo processo alguns professores da UNILAB estavam diretamente implicados, o que explica o fato de esta entrevista ter sido publicada exatamente na *Ayé Revista de Antropologia*.

Conforme as fotos aqui reproduzidas podem confirmar, a entrevista foi coletada em um dos espaços sagrados da Aldeia da Monguba, no qual se costuma realizar os ritos religiosos presididos pelo Pajé Barbosa e seus auxiliares. Estiveram presentes os entrevistadores, o entrevistado e sua filha Francilene Pitaguary. O material foi coletado em forma de filmagem e gravação de áudio, resultando em materiais que se encontram sob os cuidados dos entrevistadores e à disposição de quem se interessar.

Antes de irmos diretamente à íntegra da entrevista, convém explicar algumas questões ligadas à edição do material coletado e fazer algumas advertências. Vejamos, então, alguns cuidados que podem ser muito úteis ao leitor e à leitora, de forma a otimizar a compreensão do conteúdo, forma e sentido da entrevista, além de evitar mal entendidos.

No que se refere à forma do texto resultante da transcrição da entrevista, buscou-se manter, o máximo possível, uma reprodução fiel da fala do Pajé, motivo pelo qual o leitor ou leitora não devem se deter em regras padrões do uso da língua portuguesa, já que a fala do Pajé reproduz formas típicas da fala da maioria das pessoas comuns de determinadas regiões do Brasil. Isso se perceberá quando, por exemplo, regras de concordância são subvertidas, como no trecho: “Aqueles índio com aqueles cocar”.

Por outro lado, houve situações nas quais precisou-se acrescentar algum conectivo, palavras, ou mesmo pequena expressão, para que o sentido do conjunto ficasse mais inteligível. Sempre que isso foi feito, a inclusão se encontra indicada pelo uso de colchetes, como no caso: “Isso [foi dito por] uma Pombogira...”.

Uma expressão específica, muito recorrente na fala do Pajé quando quer enfatizar algo, precisou ser suprimida em várias passagens, já que mantê-la significaria apenas redundância, motivo pelo qual só a mantivemos quando se mostrou indispensável. Trata-se da expressão “...eu diria assim...”, muito repetida por ele.

E, para que possamos ir ao texto da entrevista, advertimos que foram acrescentadas notas explicativas ao longo do texto, já que nem todos estão familiarizados com as linguagens de terreiro e principalmente com os falares nordestinos de terreiro que, em função da sua forte regionalidade, podem se revelar ainda mais codificados para leitores e leitoras de outras regiões do Brasil, e ainda mais do exterior. Esperamos, sinceramente, que tanto os ajustes feitos à fala do Pajé quanto as notas acrescentadas, longe de dificultarem a leitura, a tornem mais fluida e capaz de

fazer com que leitores e leitoras consigam acessar a forma do Pajé Barbosa ler e explicar os mundos, forma esta que também é marcada pela sua dupla condição, de Pajé do Povo Pitaguary do Ceará e de pai de santo do Terreiro da Padilha. Boa leitura!

Entrevista:

Patrício: Então, a gente está aqui hoje, dia primeiro de novembro de 2021 para entrevistar o Pajé Barbosa, para ouvi-lo sobre a vida dele, sobre a existência do Terreiro do Pajé Barbosa, conhecido por muita gente. A gente agradece muito ao senhor pela generosidade e espero que esse momento também sirva como uma homenagem ao senhor, porque a melhor homenagem é aquela que é feita com a gente vivo, né?! Então Pajé, o senhor poderia se apresentar?

Pajé Barbosa: Meu nome é Raimundo Carlos da Silva, Pajé Barbosa, da Tribo Pitaguary. Eu represento duas cidades aqui do Ceará, que é Pacatuba e Maracanaú. E é um prazer estar com vocês.

Patrício: Pajé, além do senhor ser pajé do povo Pitaguary, o senhor também é sacerdote na umbanda e o senhor tem um templo, um terreiro, que é bastante visitado. Teria como o senhor explicar como começou a sua trajetória na umbanda? Como foi que tudo começou?

Pajé Barbosa: A umbanda está na minha vida desde criança, porque o catimbó que os Pitaguary praticam é um catimbó milenar. Desde a minha vida de criança, dos meus oito ou nove anos, a gente já falava no catiço, nos ritos, nos encantados. Mas não falava diretamente em umbanda ainda. E [só] mais tarde é que a gente ajunta o catimbó com a umbanda. Mas, nós indígenas Pitaguary, a gente recebe a umbanda com o maior gosto dentro do nosso catiço, que só veio enriquecer, enriquecer mesmo. Porque a gente não tinha aquele valor astral para com os jesuítas. Os jesuítas sempre batiam de frente, achando que a prática dos ritos indígenas fosse uma coisa maléfica. Mas a diferença é que Pai Tupã é o mesmo Deus, Oxalá. Então a gente não briga com eles. Nunca que a gente brigamos, porque o catiço é milenar e a umbanda é centenária. É mais nova. Mas, nós nunca brigamos. A prova é que na nossa linguagem eles [os colonizadores] tiraram a nossa língua, para que a gente aprendesse o catequismo³. E nós, sabiamente, aprendemos o catequismo, mas não amostremos o nosso catimbó. Escondemos, né?! Escondemos. Mesmo, dentro das matas, quando nós fazia... Ainda hoje, quanto tu vai praticar certos ritos, é só as pessoas escolhidas, dentro das matas. Sem bater palma, sem cantar, sem bater tambor, sem tocar maraca. Porque no Império do Reis⁴, nos primeiros

³ Ao usar o termo “catequismo” ao invés de “catecismo”, o Pajé cria uma possibilidade interpretativa que dá mais ênfase ao *processo* do que ao *conteúdo* da difusão da fé e doutrina católicas, o que pode apontar para os efeitos de longa duração desse processo levado a cabo desde o período colonial no Brasil.

⁴ Nas falas do Pajé, as expressões “Império do Reis”, “Império do Coronéis”, “Década do Passado”, entre outras, são sempre sinônimos de temporalidades passadas e pouco definidas, ligadas a um passado distante ou recente, que ainda reverbera sobre o momento presente do povo Pitaguary. Trata-se, portanto, de um recurso pessoal para se referir à experiências pregressas de um povo, sem necessariamente encontrar correspondente exato na historiografia.

trabalhos da democracia⁵, ela foi de perseguição à umbanda dentro das aldeias. Por isso é que a gente se mantém dizendo que é catimbozeiro. Nós somos catimbozeiro, nós somos ouricurizeiros. Nós pratica o ritual milenar. E aí, quando eles querem saber mais, a gente entra quase com aquela pergunta⁶, “Quem foi que nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?”, pra...

Patrício: Pra desconversar...

Pajé Barbosa: Pra desconversar. Então, essa prática do catimbó ela é milenar com os Pitaguary. E eu, desde criança, já nasço aprendendo. A arte da cura, da reza, da planta. Da posição de mão, dos tratamentos com as pedra, com as águas dos rios. Aliás, eu faço quase como aquela personagem: “Foi sem querer querendo” que eu aprendi a arte milenar dos Pitaguary. Então isso foi o começo da gente.

Patrício: E sobre as entidades da umbanda, quando foi que o senhor começou a incorporar?

Pajé Barbosa: na verdade eu não incorporava, mas eu tinha outra coisa mais terrível: eu via e escutava. Isso pra mim foi o pior desafio, ou o melhor desafio, da minha vida. Porque a minha inocência traia os seres-espíritos, né?! Aquelas negras da África com aqueles vestido rodado, bonito. Era muito interessante. Aqueles índio com aqueles cocar. Rapaz, era uma coisa de filme, viu?! E a minha avó me ensinava a rezar e, ora, quanto mais se rezava mais se purificava. Resultado: esse horário, de cinco e meia até às nove-dez hora da noite pra mim era um tormento. Porque eu não incorporava, mas eu via e escutava eles cantando os hino, as musgas⁷ do Príncipe Gerson⁸. Chegou tudo muito novo pra mim. E aquela coisa foi se transformando em terrorismo⁹. Eu grande já, com meus treze anos, catorze anos, tinha noite de eu apanhar pra ir dormir, porque eu não conseguia ficar só. Então, muitos espíritas, ele traz esse dom, de ver, de ouvir, mas não incorpora. E aí, com os meus 23 anos é que eu incorporei a primeira entidade. E eu fui realmente para o tratamento, eu fui pro buri¹⁰, eu fui pra raspagem¹¹, praquela coisa toda.

Patrício: Com quem que o senhor fez buri?

Pajé Barbosa: Porque havia uma briga de Yansã com Omolu. Havia uma disputa da minha coroa. Então, para que eu trabalhasse, mesmo na umbanda, a gente teria que fazer um rito no candomblé.

⁵ Nesse contexto, com “democracia” o Pajé parece estar se referindo à República já que, conforme nota anterior, o “Império do Reis” aparece como fase anterior à “democracia”.

⁶ Assim como acontece em outras regiões do Brasil, na fala do Pajé, a forma “pergunta”, longe de representar um erro, parece mais estar ligada às influências espanholas nos falares da região, conforme já foi explicado por diferentes estudos linguísticos, como comprova Marcos Bagno em “*Preconceito linguístico*” (BAGNO, 2015).

⁷ Variação regional para “músicas”.

⁸ Entidade espiritual (mestre) muito popular, cultuada na Jurema, Catimbó e umbanda, importantes expressões religiosas afro-indígenas presentes no Nordeste do Brasil.

⁹ Ao que parece, com “terrorismo” o Pajé quis dizer “terror”, “medo”, “pânico”.

¹⁰ “Buri”, variação local para “Ibori”, “Obori”, “Bori”, rito de sacralização da cabeça (“dar comida à cabeça”) própria do candomblé e de origem africana, também praticadas nas religiões afro-indígenas citadas na Nota 8.

¹¹ Alusão à iniciação no candomblé, cujo complexo ritual inclui a raspagem total ou parcial da cabeça do neófito. Segundo esse depoimento, o Pajé Barbosa também teria sido iniciado no candomblé.

Patrício: Aí o senhor procurou alguém pra fazer o rito?

Pajé Barbosa: Não, não procurei. Me barruei¹².

Patrício: E quem foi?

Pajé Barbosa: Rapaz, naquele dia foi muito interessante, porque eu ia passando e tinha uma pessoa trabalhando, tá entendendo? Com uns encantados. E, claro que eu tenho a mania de dar bom dia, dar boa tarde. E eu falei. E aí essa pessoa perguntou se eu podia conversar com ela. E, como eu não tenho nada a esconder, digo: “Posso”. E aí, quando eu chego, ela já passa as coordenadas: “Olha, você está correndo o mesmo risco do seu irmão, de ficar louco. Porque chegou o período de você doar sua coroa pros encantados”. Eu não entendi nada, mas ouvi, né?! “Se você se interessar, se ajudar, eu tô disposta a lhe ajudar”. Isso [foi dito por] uma Pombogira na cabeça dum viado¹³. Eu não tinha muita intimidade com esse camarada, cabelo todo pintado, unha toda pintada, aí a fé vai pra longe. Mas essas palavras lhe cutuca¹⁴, porque essa pessoa não me conhecia. E eu tava passando por uns problema espiritual aonde eu não sei se eu saia do corpo ou se meu corpo andava com espírito dentro, mas eu vagava à noite e ela viu. E ela disse que eu estava correndo o risco de não me acordar mais. Ou seja, de, numa viagem dessa, alguém me sacrificar. Isso com 23 anos. Aí eu venho pra casa, converso com minha esposa, digo a situação e ela só diz assim: “É bom porque é perto de casa”. Mas esse “perto de casa” me roubou muito tempo. Porque começava os ritos uma hora da tarde e ia até duas horas da madrugada. Resultado: quando eu passo a receber as entidades, eu passo a receber umas três ciência¹⁵. A ciência do toré, a ciência da pajelança. E aí dobrou a coisa. Porque aí eu passo também a ser o pajé da aldeia. Porque na época nosso pajé adoeceu e como eu já vinha na arte de cura, de reza, o cacique se alembrou de mim. E me apresentou com esse interesse de que fosse o pajé da aldeia. E nesse momento eu passei a ser pajé da aldeia. Ou seja, ganhei quatro ciência. Aliás, ganhei cinco ciências: das plantas, das rezas, da umbanda, da pajelança e do toré. É muito interessante.

Patrício: Então o senhor passou a ser, ao mesmo tempo, pajé e pai de santo?

Pajé Barbosa: Pai de santo, na umbanda.

Patrício: Na umbanda o senhor pertence a que orixá?

¹² Referente ao verbo “Barruar”, muito comum em algumas regiões do Nordeste do Brasil, e que significa: “esbarrar abruptamente em alguém”, “trombar”, “chocar-se com”. A explicação do episódio justifica o uso do verbo.

¹³ Forma depreciativa e ofensiva para se referir à homossexuais masculinos e conhecida em todas as regiões do Brasil. No contexto, o Pajé Barbosa usa essa palavra para criar uma ideia de contraste entre o aparente baixo prestígio da pessoa envolvida no episódio e a alta importância do acontecimento sagrado (hierofania), representado pela mensagem da Pombagira.

¹⁴ Do verbo “Cutucar”, muito comum em algumas regiões do Nordeste do Brasil, que significa, entre outras coisas, “instigar”, “açular”, “provocar”, “despertar a atenção”.

¹⁵ A palavra “ciência” tem significados muito profundos no universo da Jurema, do Catimbó e outras expressões afro-indígenas nordestinas. Grosso modo, a palavra é utilizada, em diferentes contextos, como sinônimo de conhecimento religioso, fundamento, poder, magia e força criadora.

Pajé Barbosa: Pois é... A briga era entre... eu pertencço a Omolu¹⁶. Então, quem reina, ou quem reinou, é Omolu. Mas nós pegamos minha mãe Yansã e colocamos no templo, para que ela não se sentisse também que a gente tinha trocado ela, não. Colocamos assim, pra cultuar... O que é interessante é que, mais tarde, conforme o tempo foi correndo, quando a minha filha nasceu, ela foi ser de Yansã. Isso até me emociona muito, né?! Ou seja, nós não desamparemos, fiquemos com ela. E na hora certa ela veio e assumiu uma coroa, né?! E eu tenho muito orgulho de Mamãe Yansã. Aliás, eu tenho orgulho de todos os orixás, tá entendendo? Mas, a que mais protege a gente... Omulu é muito bom, mas a Mamãe ela me conforta, ela aposta tudo que tá ali com você. Então nós temos essa adoração a esses dois orixá. Interessante, já a Mamãe Oxum e Xangô, veio na residência dos outros meus filhos. Foi muito interessante. Essa coisa foi um trabalho de vinte, vinte e cinco anos, pra essa coisa pegar forma. Então eu diria que eu sou um umbandista diferente, porque eu nunca deixei meus filhos de santo serem cultuados por outros umbandistas. Não. Porque eu não me vejo como umbandista, eu me vejo como pajé. Então, pra eu pedir a outro pajé pra fazer a coroa das minhas filhas ou dos meus filhos, eu acho inconveniente. Eu ir daqui pro Xingu pra pedir pra ele cuidar da minha filha? Não. Então eu [trago logo minha filha pro trabalho]. Quem cuida dos Pitaguary é o Pajé. Então, desse jeito eu venho cuidando de vários índios. Tanto da minha aldeia quanto das outras aldeias. E outras pessoas que não faz arte da aldeia mas procura. Porque a umbanda é casa aberta. Né?

Patrício: Então o senhor tem filhos de santo de vários povos indígenas, né?

Pajé Barbosa: Tenho.

Patrício: Não é só Pitaguary?

Pajé Barbosa: Não. Aqui a gente tem os Anacés, a gente tem os Canindé de Aratuba, nós temos aqui os Tapeba... Pitaguary tem várias pessoas, né?! É muito interessante. E os Tremembé de Mundaú, que também tem gente aqui.

Patrício: Pajé, o terreiro do senhor geralmente é conhecido como O Terreiro do Pajé Barbosa. As pessoas conhecem com esse nome. Existe algum outro nome pro terreiro do senhor?

Pajé Barbosa: Existe. “O Terreiro da Padilha”¹⁷. O Terreiro da Padilha é muito conhecido. Inclusive um deles é esse, onde nós estamos. O Terreiro da Padilha, “O Terreiro do Boiadeiro”, é considerado esse aqui. Pela festa da Padilha é batizado o terreiro. Poucas pessoas me conhecem como o Pajé do Omulu.

Patrício: Interessante. Conhecem mais pela Padilha?

Pajé Barbosa: Pela Padilha. O Terreiro da Padilha, o Terreiro do Pajé Barbosa.

Patrício: Quais são as principais festas, os principais toques, os principais acontecimentos do terreiro ao longo do ano?

¹⁶ Divindade do candomblé (orixá), geralmente associada à disseminação e controle das doenças, sendo, por contraste, Senhor da Cura. Em muitas tradições é o mesmo que Obaluayê.

¹⁷ O nome “Terreiro da Padilha” está associado à importância atribuída por aquela comunidade religiosa à pombagira Dona Maria Padilha, uma das principais guias espirituais que acompanham o Pajé Barbosa.

Pajé Barbosa: Nós temos três festas básicas aqui no terreiro: que é a festa que vai acontecer agora em dezembro, a Festa da Padilha. Em janeiro, dia trinta, a Festa das Crianças, que a gente chama a Festa das Caiporas. E dia sete de agosto acontece a Festa do Seu Boiadeiro, Seu Moisés, uma pessoa muito quista por a gente. E a gente toca essas três festas, aqui. Já no Terreiro da Nádia¹⁸ a gente já tem outras, a festa de Preto Velho, nesse mês. E no dia vinte acontece a festa dos três afro, que é Seu Nêgo Chico, Seu Zé Pelintra, Nego Gerse e a Dona Pombagira¹⁹. Que lá eles têm essa amizade, esses três nego pra esse elo. Tem uma que vai acontecer agora esse mês, dia vinte. Aí tem um toque aí pra ela.

Patrício: E além dessas entidades, que outras entidades o senhor também cultua dentro do terreiro?

Pajé Barbosa: Na verdade, a gente tem uma visão, um apreço muito grande, pelos ciganos. Nós temos pelos Pretos Velhos, africanos velhos, tá entendendo? Não é que seja Preto Velho, velho. Mas, todos aqueles negros que sofreram opressão, que foram mortos nos troncos de pêa²⁰, de doenças terríveis. Porque acaba que a febre amarela atingiu de fato os africanos. [Por] que eles praticavam, não tinham aquela alimentação forte, né?! E acabou que a febre amarela, ela fez uma miséria nas senzala. Só que isso não foi registrado, **interessante**. Então tem cemitérios por aí com dezenas e dezenas de afro enterrado e não foi registrado como a febre amarela. Eu diria assim que foi uma das maiores guerras dentro do Brasil desse período, da década de 22. De 17 pra 22 foi o período dessa doença²¹. Que foi quase que nem essa pandemia. Mas, a morte dos africanos não foi registrada. A dos índios foi. E morreu muitos índios. É tanto que eles fizeram uma carta dizendo que não tem mais índio no Ceará²², por conta dessa febre amarela. Mais que agora, dessa doença. O que é interessante é que eles deixam o culto pros índios cultuar.

Patrício: E do lado indígena, quais são as entidades, os espíritos, que geralmente o senhor cultua no terreiro e que incorporam também?

Pajé Barbosa: Ah, eu sou muito [apegado] com essas matas que cuidam muito do meu terreiro, como Seu Pena Branca, Seu Tupinambá²³... Tupinambá, pela existência da aldeia tupinambá que esses ritos já vem que... é milenar. Os tupinambá já praticavam esses ritos que a gente chama de umbanda hoje e que era chamado de catimbó, né?! Antes de quando Pedro Alves Cabral²⁴ chegar no Brasil. Por isso que nós somos os

¹⁸ Nádia é uma das filhas (biológicas e espirituais) do pajé Barbosa e que, à época da entrevista, já possuía e mantinha seu próprio terreiro de umbanda na Aldeia da Monguba.

¹⁹ Nomes de algumas das entidades espirituais (mestres e pombagira) cultuadas no Terreiro do Pajé Barbosa.

²⁰ “Pêa”: expressão regional para “surra”, “pisa”, “castigos corporais”.

²¹ Mesmo sem especificar, quando fala da “década de 22” o Pajé Barbosa parece se referir à década de 1920, período abrangido pelo surto de Gripe Espanhola no Brasil. A menção à Febre Amarela parece ser fragmentos de uma memória coletiva, socialmente compartilhada, que mistura diferentes epidemias ocorridas em períodos históricos distintos.

²²

²³ Nomes de caboclos, entidades espirituais cultuadas na Umbanda e em outras expressões religiosas afro-indígenas. Geralmente os nomes dos caboclos estão ligados ao universo de algum povo indígena do Brasil.

²⁴ Entre brasileiros é muito comum a confusão do sobrenome de Pedro Álvares Cabral, que costuma ser grafado ou falado como “Alves”, tendo essa última forma se popularizado no Brasil.

cultuador do ritos milenar dos tupinambás. Né nem do Tupinambá não, né? É dos tupinambá. Então, a gente recebe várias entidades dessa aldeia. Assim como recebe da aldeia de capinauá. E a gente começa a ver que no meio dessas aldeia, vem umas aldeias que são as aldeias áfricas²⁵. Os papéis, os candides²⁶, aquelas cidades de longe... Mas como o reflexo da energia é quase que nem²⁷ um celular hoje, entende? Então, de tanto a gente cultivar os animais, esses seres também vêm ficar com a gente. É o caso do Mestre Cazuzá, eita! O Padinho Vito, a própria Mãe Maria²⁸. A gente começa a ver o recheio, cinquenta por cento África, cinquenta por cento indígena. E dentro do catiço, eu diria assim que entra essa outra parte que a gente chama de xamanismo, que dá essa conexão dentro das setenta e duas linhas do catiço, dos lakota, dos cheíta, dos próprios maia, entendeu?²⁹ Porque aí vai o tempo, entende? O tempo de antiguidade. Porque lá atrás, eu sempre falo isso, o pai de faraó já cultuava os espíritos. Só que, como aparece lá a pirâmide, você vai matar a charada e vê que aquilo ali é catiço. Porque eles cultuavam as entidade dos lobo, e nós faz isso. Das cobra, dos próprio escaravelho. Interessante, porque o que é que quer o escaravelho no meio da umbanda? É porque é o besouro mais venenoso, ou mais cheio de ciência. Então é um reinado do escaravelho. Então existe uma civilização. Só que o espírito pode vir num animal pequeno, mas também pode vir num macaco, pode vir numa onça e esse império era trabalhado, era cultuado, lá atrás, quando se cultuava, tanto a mãe do próprio faraó, e como Thor, né?! Que são os... a vaca e o bezerro, que até hoje estão no histórico, né?! E a gente pega essa coisa e leva pra Índia e você vai perceber que Deus lá, pra eles, é a vaca, é o boi, tá entendendo? É muito interessante como tem ligação aqui na... essa ligação chega aqui, chega aqui nos Pitaguary. Então, a gente trabalha com a manada de búfalo, que fica bem suave, né? Nós somos boiadeiro que trabalha com essa manada de touro, o Umaitá, Touro Preto, Vaca Lambeza... Que vai dar essa conexão com o boi Búfalo Preto, o boi Bufa³⁰ Branco, Boi Bufa Dourado, aquela coisa que [alguém pode dizer] “o Pajé Barbosa é uma pessoa doida”. Porque não tem limite. A umbanda ou o catiço, dentro dos Pitaguary, não tem limite.

Patrício: Então é o culto aos espíritos da natureza também, né? Aos animais...

Pajé Barbosa: Sim, aos animais. E quem mais cuida da gente, e a gente não percebe, mas são os vegetal, tá entendendo? Esses animal espiritual, que são os vegetal³¹, olha,

²⁵ Nesse contexto, a palavra “aldeia” parece se referir a famílias mítico-espirituais, às quais as entidades estariam ligadas. Se o raciocínio estiver correto, “aldeias áfricas” corresponde aos espíritos de Preto Velhos, orixás e etnias africanas como os papéis, citados pelo Pajé.

²⁶ Não foi possível identificar a que etnia africana o Pajé se referia neste caso.

²⁷ “Que nem” ou “Quenem”: locução comparativa muito comum em algumas regiões do Brasil – principalmente entre os mais velhos – geralmente utilizada para comparar coisas muito parecidas ou criar relação de semelhança entre coisas, pessoas e situações relativamente parecidas. Exemplo: “Viajar é que nem (quase como, muito parecido com, quase igual a) renovar a alma”.

²⁸ Referência a algumas das entidades espirituais (mestres) cultuadas pelo Pajé Barbosa e sua comunidade.

²⁹ “Lakota”, “Cheíta” e “Maias”: menção a povos dos quais a comunidade religiosa do Pajé Barbosa teria recebido contribuições espirituais e cujas entidades espirituais são cultuadas naquele terreno.

³⁰ Nesse contexto, forma abreviada de “Búfalo”.

³¹ A expressão “animal espiritual que são os vegetal” parece revelar uma cosmovisão indígena, segundo a qual todos os aspectos da natureza compõem uma mesma realidade, sem as divisões e compartimentalizações próprias do pensamento ocidental. Nesse sentido, o mundo espiritual seria composto em fusão com os diferentes aspectos da natureza física. Nas falas do Pajé esse contínuo entre as

eles são responsável por cada suspiro que a gente dá. Então, essa senhora que poucas pessoas nem liga, que chama Abaobá³², tá entendendo? Que é a mãe de todos os seres. Porque Abaobá, ela traz a ciência de trazer a água, de trazer a comida, de trazer o acolhimento. Quem dorme no pé de Obaobá, é que nem dormir assim, na saia da sua própria mãe. A jurema³³ ela já é por si um culto, né? E muito também aconchegante. A jurema ela cuida da gente como se a gente fosse criança dela. Tem umas coisas que a gente percebe árvore e menos **(tanque? Distante?)** gente. Porque a jurema ela também tem esse nome que é uma e assim como vários e vários índios também tem nome de madeira, de pau, de árvore. Aqui nós temos um [homem chamado] Baturité, que é um Pitaguary, que na década do passado se mudou-se e fez família. E hoje, quem não conhece a Serra do Baturité, né? Então são essas coisas milenar que a gente tem prazer de amostrar no culto da umbanda, pra não dividir.

Patrício: Outra coisa que eu ia perguntar pro senhor, bem, eu perguntei sobre a preparação na umbanda e o senhor falou que foi um pai de santo que preparou o senhor, né?! Na parte da umbanda, do lado da umbanda.

Pajé Barbosa: Foi, foi. Isso aí eu não escondo não.

Patrício: Ele é vivo ainda?

Pajé Barbosa: É vivo ainda.

Patrício: Mas o senhor ainda tem ligação com o terreiro dele? Ou não?

Pajé Barbosa: Não. Tenho não. Faz quais uns dez anos que nós dirliguemos³⁴.

Patrício: Como é o nome dele?

Pajé Barbosa: É Francisco de Assis...

Patrício: Ele tem terreiro aberto no Ceará?

Pajé Barbosa: Tem, tem. É ali no Jardim Jatobá, perto do cemitério, por ali. Chegando por ali as pessoas indicam o endereço. Eu não tenho bem o endereço, eu sei que ele mora perto do cemitério do Jardim Jatobá, tá entendendo?

Patrício: Sim. E sobre o terreiro do senhor, o senhor é o sacerdote principal, mas o senhor tem auxiliares? O senhor tem preparado alguém para algum dia, caso o senhor falte, a pessoa... por exemplo, digamos que chegasse aqui alguma pessoa procurando uma cura, uma orientação, e o senhor não estivesse. Hoje já tem alguém que pode atender, o senhor não estando presente?

dimensões animal, vegetal, mineral e espiritual da natureza aparece muito forte nos ritos de cura e nas práticas mágicas que dependem de uma combinação ótima dos fragmentos dessas diferentes partes.

³² Ao se referir à entidade espiritual – mas também natural – Abaobá ou Obaobá, o Pajé Barbosa parece se referir à árvore de origem africana muito reverenciada nas religiões afro-brasileiras, o baobá. Nesse contexto, contudo, a árvore é feminizada e personificada, sendo igualada à jurema, outra espécie vegetal do nordeste do Brasil e que recebe tratamento semelhante. O encontro do baobá com a jurema, no discurso do Pajé, pode significar a materialização do encontro entre o afro e o indígena nas suas práticas religiosas junto à sua comunidade.

³³ Arvore sagrada dos cultos afro-indígenas nordestinos (*Mimosa hostilis benth*), que também dá nome à religião que a cultua.

³⁴ Formal coloquial para “desligamos”, no sentido de desfazer relações de aliança. Afastamento. Ruptura.

Pajé Barbosa: Temos. Nós temos e já aconteceu várias vezes de eu estar viajando e as pessoas precisarem. Tem a Nádia, que já vem praticando a umbanda há alguns anos. A Francilene também. Ela pratica um ritual do xamanismo que é um pouco diferente da umbanda. Muito parecido, mas não é. E nós temos o Alex, que traz o seguimento do Macaco Preto, dos Urubus, que é muito parecido com a umbanda, mas também não é umbanda, é outro seguimento. Então, a gente tem na faixa, eu acho que uns trinta índio, com capacidade de resolver os problemas na minha falta. É o caso da Madalena, dos três filhos dela, são três filhos que trabalham também. E lá no Oi D'Água tem o Beto, que tem terreiro também. Tem terreiro, tem seguidores.

Patrício: Então o senhor tem filhos de santo que já têm terreiro aberto? Que o senhor foi lá pra confirmar eles como...

Pajé Barbosa: Sim, sim. Eu acredito que, se eu for olhar pros netos, dá bem uns vinte ou trinta. Netos, tanto da parte da Nádia quanto da parte do Beto, né?! O Beto se considera pai. Eu é que não me considero. Por que eu sou aquela pessoa que eu não gosto de botar peso nas costas, tá entendendo? Eu gosto de botar eles pra trabalhar.

Patrício: Mas, aos que tem terreiro aberto o senhor vai lá dar alguma assistência?

Pajé Barbosa: Vou. Vou dar uma bênção, eles me cobram que é pra eu ir lá visitar eles nas festas, aquela coisa... e que tenho que ir mesmo. Mas eu tenho consciência que eles estão preparados já. Estão preparados. Se quiser eu vou lá, mas eles já estão muito avançados.

Patrício: Mas quando o senhor vai, eu imagino que é uma alegria grande pra eles receberem o senhor.

Pajé Barbosa: Oh! Por eles eu nem voltava. Até o outro dia ficava com eles. É muito interessante essa forma da gente ser quisto, mas sem querer aparecer. Porque, pra mim a umbanda e a espiritualidade é liberdade. Então, se existe uma fidelidade, não precisa estar perto. Eu tenho isso comigo.

Patrício: Então agora pra gente já ir se encaminhando pro fim, uma pergunta sobre o futuro do terreiro do senhor. Um dia, se o senhor faltar, não estiver mais aqui fisicamente, já que espiritualmente o senhor sempre estará, haverá um sucessor ou uma sucessora pra ocupar esse lugar que o senhor hoje ocupa como pai de santo? Não digo como pajé dos Pitaguary, mas como pai de santo. Vai haver sucessão? O senhor já tem alguém em vista? Como é que está isso?

Pajé Barbosa: Na verdade, eu diria que nem me preocupo com o futuro. Porque o que nós vem fazendo já é futuro, né?! E a gente tá levando o toré pra dentro da sala de aula. Pras pessoas ver, pegar gosto com a cultura e com a espiritualidade. Porque eu criei uma forma de se trabalhar com a espiritualidade de qualquer canto da psicologia indígena. E isso vem ganhando um recheio a mais. Então hoje nós temos psicólogos indígenas, defendemos a cadeira, com a Tapeba, doutora Natália. E nós pretendemos fazer mais psicólogas nessa área. Porque já tem outras pessoas estudando, e a gente quer fortalecer a psicologia. E a gente quer fortalecer o catiço, que é o ritual do ouricurí do índio, dentro da aldeia, para que daqui a mil anos a gente ainda fale alguma coisa dos nossos antepassados. Como hoje os direitos é iguais, tá mais fácil da gente trabalhar o culto do

que no império do reis ou no império do coronéis, né? Que era mais difícil. Agora não, a gente pode cultivar. Eu espero que a gente resista. Eu não tenho registro do meu terreiro porque, não que eu queira me orgulhar, mas eu me vejo como um pajé. E pajé vai registrar³⁵ aonde? Aonde é que tem um nível³⁶ superior a um pajé? Não existe. Então eu sou federal. Eu digo, que eu respeito e eu não trabalho desrespeitando³⁷ seita³⁸ nenhuma, muito pelo contrário. Pra mim, todas as seitas foi feita pro homem. E eu tô nos primata lá, recebendo tudo isso, né?! Então nós não temos malquerença com nenhuma seita, muito pelo contrário. A gente tem é orgulho que as seitas venham melhorar a cabeça do homem. Então, não houve diferença.

Patrício: Pra terminar, tem alguma questão, parte ou assunto que o senhor considera importante falar sobre o Terreiro do Pajé Barbosa que eu não perguntei e que o senhor gostaria de comentar?

Pajé Barbosa: Tem. O toré é a maior força do ritual indígena. E muitas pessoas não vê o culto do toré como ouricuri, a seita do índio. E muitas pessoas dizem que o índio não tem seita. Tem. E muito forte. Porque além da gente ter os rituais, nós temos a dança e ainda tem os cânticos. Tanto os Xingu, os cinta-larga, os fulniô, os tikuna, os xavantes, os Pitaguary... a gente tem as nossas forma de fazer as nossas espiritualidades diversas. É certo que cada rito que a gente faz não é do parente, não. É o nosso. Só que, o toré, ele tem que ser patrimônio público. Porque todas aldeias têm seu toré. Ou, se não é o toré, mas é outro nome, torém, outras danças... e a gente não quer ter inveja mais. O candomblé é patrimônio do Brasil. E por que o ouricuri, não é? Por que a nossa jurema não é? Nosso catimbó, nosso catiço, não é? Então, essa é a queixa que eu tenho de a gente trazer um rito milenar e aqui nós somos desrespeitado. Não existe um documento para que isso se transforme numa espécie de carimbó. Porque o carimbó tá tombado como patrimônio do Brasil. O carimbó, uma dança do índio. E uma dança milenar, que é o toré, não tá. Então, é uma coisa que eu não vou dizer que eu tô criticando, mas é chegada a hora também da gente registrar o toré como patrimônio público, dentro do catiço do índio. Então é um sonho. Eu não tô criticando. É um sonho, que eu acredito que nós vamos chegar lá.

Patrício: Pajé Barbosa, muito obrigado! Foi um grande prazer ouvi-lo.

Pajé Barbosa: Oh, obrigado!

³⁵ Nessa altura, o Pajé joga com as palavras “resistir” e “registrar” (forma coloquial de “registrar”). No contexto da fala, “registrar” o terreiro é entendido como forma de “resistência” dos povos indígenas, no sentido de assegurar a legalidade do espaço de culto e a legitimidade junto à sociedade não-indígena e ao estado brasileiro.

³⁶ Forma coloquial para “nível”.

³⁷ Regionalismo para “desrespeitando”.

³⁸ “Seita”: palavra muito utilizada em outras épocas para se referir às religiões minoritárias como as afro-brasileiras e indígenas. Hoje possui um forte sentido pejorativo, quando utilizada por membros de religiões hegemônicas para se referir às minoritárias.



A fotografia é sobre presença e permanência, sobre nos olharmos em um espelho que narra, conta e faz sonhar.